

# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano XLIII, número 6 (2.199)

Cidade do Vaticano

Sábado 11 de Fevereiro de 2012

Mensagem de Bento XVI para a Quaresma

## Ouçamos o brado dos pobres



Interessar-se pelo outro significa «abrir os olhos às suas necessidades» sem «antepor a tudo os próprios interesses e preocupações», e evitando deixar-se sufocar pela «riqueza material» e pela «saciedade». Escreveu o Santo Padre na mensagem para a Quaresma de 2012, apresentada na Sala de Imprensa da Santa Sé no dia 7 de Fevereiro, que publicamos na página 6/7.

Tendo como referência o trecho bíblico tirado da Carta aos Hebreus «Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras» (10, 24), Bento XVI propôs à reflexão quaresmal dos fiéis três aspectos da vida cristã: a atenção ao próximo, a reciprocidade e a santidade pessoal. Em relação ao primeiro, o Pontífice denuncia a atitude difundida de indiferença e desinteresse – favorecida pelo egoísmo disfarçado de aparência de respeito pela «esfera privada» – que impede que o homem se ocupe do próximo. O Papa advertiu sobretudo contra o perigo de «ter um coração endurecido por uma espécie de “anestesia espiritual” que nos torna cegos perante os sofrimentos dos demais».

*O arcebispo Fisichella falou sobre as perspectivas da nova evangelização no Ano da fé*

Passaram de 12 para 72 as cidades europeias em missão

PÁGINA 2

*O arcebispo Braz de Aviz sobre o Dia mundial dedicado às religiosas e aos religiosos*

Uma vida adaptada ao Evangelho

PÁGINA 4

*Interpretação teológica do Vaticano II*

Autoridade e influência

AGOSTINO MARCHETTO NA PÁGINA 10

Audiência geral sobre a oração de Jesus face à morte

## Quando parece que Deus não escuta

Um apelo a favor das populações atingidas pela vaga excepcional de frio que atingiu nestes dias algumas regiões da Europa foi lançado pelo Papa durante a audiência geral de quarta-feira 8 de Fevereiro. Ao expressar a sua preocupação pelas «enormes dificuldades» e «grandes danos» causados pelo mau tempo, Bento XVI convidou a rezar pelas vítimas e seus familiares. Manifestou também a sua proximidade a todas as «pessoas atingidas por estes trágicos acontecimentos» e encorajou «à solidariedade para que sejam socorridas com generosidade». Prosseguindo as catequeses sobre a oração, dedicou ao brado lançado por Jesus na cruz «no momento em que está diante da morte» e parece experimentar o «abandono, a ausência de Deus». Na realidade – explicou – ele tem «a certeza total da proximidade do Pai, que aprova este acto supremo de amor, de doação total de si, embora não se ouça, como noutros momentos, a voz do alto».

Também o homem, nas dificuldades e nos sofrimentos, experimenta por vezes a aparente «ausência de Deus». Mas «quando parece que Deus não ouve – exortou o Pontífice – não devemos recuar de recomendar a Ele todo o peso que levamos no nosso coração, não devemos ter medo de gritar a Ele o nosso sofrimento». Também no momento em que chega o drama humano da morte, Jesus não se abandona ao desespero, mas «assume sobre Si o



*Antoine van Dyck, «Cruafixão» (1621-1625, Genova, Galeria do Palácio Real)*

sofrimento do seu povo» e «o de todos os homens que sofrem pela opressão do mal», levando «tudo isto ao coração do próprio Deus na certeza de que o seu brado será ouvido na Ressurreição». Na oração de Jesus na cruz «estão contidos a extrema confiança e o abandono nas mãos de Deus, mesmo quando parece estar ausente, mesmo quando parece ficar em silêncio, seguindo um designio que para nós é incompreensível».

PÁGINA 3

Dia mundial do doente

## Para sair da penumbra

CARLO BELLIENI

O dia mundial do doente ajuda a despertar a atenção de todos para um dado de facto: a doença existe. Infelizmente, neste aspecto a sociedade ocidental tem ideias confusas e está a debater ainda sobre a definição real da palavra saúde.

Recentemente no «British Medical Journal», um grupo de trabalho holandês, coordenado por Machteld Huber, fez um passo a mais com uma proposta interessante: que por «saúde» já não se entende o «pleno bem-estar psicofísico e social» – como quer a definição da Organização Mundial da Saúde – mas «ter a capacidade de adaptação e autogestão». A primeira parte desta definição é interessante, a qual ressalta que a saúde é a capacidade de resol-

ver as próprias vicissitudes, de as controlar e gerir, sem que isto implique uma perfeição utópica; com efeito, a definição actual de saúde exclui as pessoas com doenças crónicas do sentir-se «com saúde», mesmo quando conseguem conviver com a sua dificuldade. Menos compartilhada a segunda parte da definição dada por Huber, porque volta a realçar o binómio saúde-autonomia, enquanto não é justo negar que um idoso dependente dos outros para várias necessidades ou um deficiente não totalmente autónomo possam sentir-se «saudáveis».

Enfim, a confusão sobre a definição de doença continua, e muitos sentem-se doentes (ou contudo não saudáveis), embora não o sendo, e atingidos pela força da publicidade procuram remédios a supostos defeitos puramente estéticos. Nesta con-

fusão acaba-se por não dar a justa prioridade às doenças graves, por fazer passar como normais as condições endémicas que afligem populações inteiras, como a malária ou a tuberculose, e por responder ao drama esquecido das doenças genéticas raras com a prevenção falsa do aborto ou a diagnose do pré-implante que, em vez de prevenir a doença, descartam o doente já concebido e vivo.

Contudo, o dia mundial do doente recorda-nos que existe não só a doença mas também existem os doentes: aliás, porque na sociedade competitiva, quem não está à altura dos outros torna-se invisível. Os mass media falam pouquíssimo de doença. E os doentes existem, mas permanecem na penumbra. Os sites

CONTINUA NA PÁGINA 6/7